

# ÉTICA AMBIENTAL E VISÃO DE MUNDO EM AGRICULTORES ORGÂNICOS E AGROECOLÓGICOS DO RIO DE JANEIRO

**Karen Sayuri Sasada Sato**

Mestranda HCTE/UFRJ

sasadasato@msn.com

A partir da discussão teórica em torno das Éticas Ambientais e das Visões de Mundo que envolvem a relação homem-meio em suas diversas manifestações, além da discussão teórica em torno da Agroecologia, procura-se entender as novas (ou velhas) relações éticas e visões de mundo que (re)surgem com a Agroecologia e a Agricultura Orgânica.

Através de entrevista com produtores orgânicos e agroecológicos do Estado do Rio de Janeiro e pesquisa bibliográfica específica, é realizada análise qualitativo-interpretativa e discussão que permite delinear que tipo de ética ambiental e de visão de mundo permeia as idéias e ações destes produtores.

## ÉTICA AMBIENTAL

O termo “ambiente” é comumente empregado como tudo aquilo que é material no planeta Terra, exceto os humanos; ou como tudo aquilo que acerca o ser humano. Aceitamos, desta forma, uma dicotomia básica, onde “humanos” e “ambiente” são elementos separados. Esta separação nos permite compreender a natureza como um **valor instrumental**, como recurso útil para a vida humana, a natureza com alguma finalidade. Em oposição, há a noção de valor **não-instrumental**, ou **valor intrínseco**, quando a natureza tem valor em si mesmo.

A noção de Antropocentrismo forte e fraco discute em que medida é possível nos abstermos do ponto de vista humano de apreensão da natureza. (Hargrove e Callicot, 2006) A perspectiva Biocêntrica considera o biocentrismo como uma alternativa ao antropocentrismo, para estender a moralidade, ou o respeito moral para a natureza, não só aos seres humanos. (Katz, 1992; King, 1997)

A partir desta reflexão Katz destaca três relações éticas recorrentes: o imperialismo da natureza sobre a humanidade; o imperialismo humano sobre a natureza; o imperialismo do humano sobre outros humanos. Em termos da relação sociedade-natureza, pode se relacionar estas três relações éticas definidas por Katz à ética ambiental de grupos humanos nômades e caçadores e coletores, agricultores e urbanos, respectivamente.

O Antropocentrismo e o destacamento do homem em relação à natureza têm no mito de Gilgamesh, o rei sumério que mata o demônio da floresta em nome da cidade e da agricultura o seu primeiro registro histórico. Aristóteles teria exaltado a maior virtude humana como sendo o desenvolvimento da razão, a dimensão da alma humana que não é compartilhada com plantas ou animais. Descartes identifica na essência do indivíduo a substância

mental, metafisicamente alienada do resto do mundo natural. Kant e os racionalistas contemporâneos identificam a livre autonomia humana como o fundamento para a moral e a dignidade.(SPLASH and CLAYTON, 1997; PEPPER, 1996; HARRISSON, 1992 )

Podemos encontrar fundamentação comum entre a visão dicotômica que fundamenta o antropocentrismo, o pensamento dualista, linear e o reducionismo discutidos por Simmons (1993); todos eles em oposição ao pensamento holista.

Scott Hoefle (2009) desenvolve a discussão em torno das éticas ambientais baseado nas **visões de mundo encantada e desencantada**, a partir de conceitos da antropologia e da área ambiental.

A partir da Visão de Mundo encantada, a natureza é considerada como entidade orgânico-vital, com a qual os homens mantêm relações recíprocas, e o bem social e todo o ecossistema têm prioridade sobre o bem individual. Além de humanos, da fauna e da flora, a terra, a água e as rochas são também consideradas como organismo vivo, com atributos vitais. A natureza não é dividida entre material-física e espiritual-metafísica, ou inorgânica-não-vital e orgânico-vital. Há nesta visão de mundo uma interrelação entre as esferas natural, social e espiritual. A natureza é animada com entidades espirituais, com as quais os humanos interagem de maneira recíproca. A visão de mundo encantada funcionaria como um escudo ideológico, prevenindo a sobre-exploração de recursos naturais e o aumento de desigualdade social.

Visão de Mundo Secular / Materialista	Ciência Moderna (mecanicista, quantitativa, reducionista)	Ética Egocêntrica	Alto grau de degradação ambiental e alto nível de desigualdade social.
Visão de Mundo desencantada	Estruturalismo Econômico Neo-Marxista / Neo-Darwinismo Econômico /Espiritualismo Bifurcado	Ética Homo-cêntrica	Exploração de recursos naturais e desigualdade social.
Visão de Mundo Encantada	Ecologia Radical Contemporânea / Saber tradicional	Ética Homo-ecocêntrica	Baixo grau de degradação ambiental e alto nível de igualdade social.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Hoefle (2009)

“Sucessivas reformas religiosas e, finalmente, o surgimento da Ciência, materialista e quantitativa, promoveram o desencantamento ideológico que, em primeiro lugar, elimina a crença nos espíritos da floresta e corta as relações diretas com os espíritos do Além. Em momento posterior, a educação universal promove a doutrinação das massas com uma visão científica mecanicista e reducionista que progressivamente ridiculariza e finalmente elimina a ‘crença supersticiosa’ ou a transforma em ‘folclore’ inóculo. Sem as limitações espirituais nas relações com uma Natureza animista, surge a ética ambiental homocêntrica, permitindo o desmatamento desenfreado. A eliminação de normas e práticas sociais e intra-comunitárias, como as limitações e obrigações mútuas entre parentes e ancestrais, abre caminho para valores e uso dos recursos de forma individualista, estabelecendo uma ética ambiental egocêntrica que se associa à adoção de inovações tecnológicas com base na acumulação de capital e na exploração humana.” (HOEFLE, 2009)

## AGROECOLOGIA

O processo de modernização da agricultura – diferente de um desenvolvimento em co-evolução homem-técnica-ambiente - privilegiou a ampliação da produtividade agrícola, negligenciando o agricultor e o ambiente como elementos do mesmo modelo de desenvolvimento. Como contrapontos emergiram diversos movimentos de agricultura alternativos ao novo modelo industrialista. Estas práticas alternativas ganharam força num período em que os problemas de degradação ambiental, ocasionados pelo processo de industrialização da agricultura, tornaram-se o centro das preocupações. (CARMO & MAGALHÃES, 2009).

Os agricultores entrevistados para esta pesquisa se autodenominaram praticantes de agricultura biológica, agricultura ecológica, orgânica, agroecológica e agroflorestal. Agricultura biológica e ecológica parecem ser os nomes genéricos que esse movimento alternativo adotou na década de 80. Enquanto a agricultura orgânica preconiza apenas a não utilização de agrotóxicos, a agroecologia e a SAF (Sistema Agroflorestal) têm uma proposta que reorienta toda uma ética em relação ao convívio homem-natureza. Neste trabalho, será utilizado o termo agricultura alternativa para denominar todos os tipos de agricultura supracitados, em oposição ao manejo convencional moderno, baseado na Revolução Verde e na Revolução Genética.

A interdisciplinaridade é demanda constante na agroecologia, e, mais ainda, a transdisciplinaridade, já que a realidade da sua problemática demanda uma integração de saberes. (Leff, 2007)

Caporal e Costabeber complementam a discussão de LEFF a caminho da definição de Agroecologia:

“Com base em vários estudiosos e pesquisadores nesta área (Altieri, Gliessman, Noorgard, Sevilla Guzmán, Toledo, Leff), a Agroecologia tem sido reafirmada como uma ciência ou disciplina científica, ou seja, um campo de conhecimento de caráter multidisciplinar que apresenta uma série de princípios, conceitos e metodologias que nos permitem estudar, analisar, dirigir, desenhar e avaliar agroecossistemas. Os agroecossistemas são considerados como unidades fundamentais para o estudo e planejamento das intervenções humanas em prol do desenvolvimento rural sustentável. Nestas unidades geográficas e socioculturais que ocorrem os ciclos minerais, as transformações energéticas, os processos biológicos e as relações sócioeconômicas, constituindo o lócus onde se pode buscar uma análise sistêmica e holística do conjunto destas relações e transformações.” (Caporal & Costabeber, 2002.)

A agroecologia tem se manifestado de forma que ultrapassa o caráter de disciplina científica e o desenvolvimento rural. Tem se mostrado capaz de articular saberes locais, tradicionais e o conhecimento científico universalista, e outros tantos saberes híbridos, tendo também manifestações em ambiente urbano: a agroecologia urbana.

Entendemos as revoluções agrícolas e industriais, bem como a instituição dos estados-nação, as reformas religiosas e a instituição de um paradigma científico-universalista como processos que contribuíram para o desencantamento da visão de mundo e a superação de éticas ambientais de relação mais próxima do homem com o meio, de onde se desenvolvem saberes e éticas que consideram a complexidade do meio bem como suas

idiosincrasias e especificidades locais. A Agroecologia é entendida nesse trabalho como um movimento de re-encantamento da visão de mundo.

## ANÁLISE QUALITATIVO-INTERPRETATIVA

Há uma lucidez equilibrada na avaliação dos produtores em relação à produção orgânica e agroecológica. Conseguem contrapor e equiparar fatores diversos, num esquema mental complexo. Para avaliar as qualidades de uma produção orgânica, é comum levantarem temas como: produtividade, relações ecológicas, recursos locais, economia, lucro, transporte, uso de combustível, uso de insumos químicos, educação, saúde, saber tradicional, sementes nativas, espécies nativas, seleção natural, relação com o consumidor, redes cooperativas, economia solidária, poluição, migração campo-cidade, qualidade de vida, ética, espiritualidade, estética, entre outros.

É comum se expressarem por frases simples e curtas, de modo que, às vezes, parecem entrar em contradição. Porém, algumas vezes parece que se trata da barreira da estrutura linear frasal para explicar pensamentos complexos. É comum os produtores não se incomodarem quando sua fala parece entrar em contradição, e parecem se sentir confortáveis com o paradoxo, ou com a sobreposição de verdades.<sup>1</sup>

Os locais de produção (Seropédica, Magé, Teresópolis, Petrópolis) são de colonização em várias etapas, sendo que os agricultores não tiveram contato com grupos humanos tradicionais, que tenham evoluído de forma secular naquele ambiente. Este fato somado à religião cristã, e principalmente protestante pode explicar o fato de não haverem manifestações artísticas e culturais próprias, como festas, música, danças, rituais, crença em seres não-humanos, e em arquétipos representativos. A crença monoteísta justifica uma visão desencantada, a não-relação com o mistério. Nenhum dos entrevistados acredita em seres como Saci-Pererê, Curupira, ou Lobisomem. Todos já ouviram falar, mas nunca os viram e alguns conhecem pessoas que acreditam. A maioria diz que são folclore, superstição ou lenda, e dão explicação monoteísta ao afirmarem que dentre as coisas que não podem ver, mas podem sentir e sabem que existem, apenas existe Deus. O mistério é tido como o desconhecido e Deus é o que não se pode ver, mas se sabe que existe, de modo que seres encantados são substituídos por um Deus.

A partir da noção de preservacionismo, os agricultores se afastam da mata. A mata passa a ser o lugar de moradia do mistério, do desconhecido, do respeito. A natureza densa, intocada e selvagem representada pela mata é relacionada ao Deus cristão, e o homem, às ações perversas e negativas.

A dicotomia homem-ambiente é presente na fala dos entrevistados, mas muitas vezes é tida como um obstáculo a ser superado pelo manejo alternativo. Esta dicotomia é clara quando se trata a mata com posição preservacionista. A relação do homem com a natureza se daria apenas na agricultura, mas a convivência com a mata é limitada pela mentalidade preservacionista. Aqueles que optam pelo manejo agroflorestal possuem visão diferenciada, de convivência com a mata. Este tipo de manejo representa com maior proximidade a superação da separação homem-natureza. De qualquer forma, a mata é sempre vista como algo positivo, representando a natureza mais pura, mais intocada pelo homem.

Há uma noção constante de interdependência e holismo na fala dos entrevistados, principalmente por sua capacidade de considerar o “todo” mesmo para ações específicas. Pensam sempre nas conseqüências de atos mínimos, e nos seus desdobramentos em longo prazo. Consideram por isso que pragas e ervas - daninhas, assim como a mata, são elementos do todo que deve ser mantido em equilíbrio, e assim favorece a existência harmônica de todas as coisas. Outras noções relacionadas a este tipo de mentalidade são o cooperativismo e o associativismo.

A intuição como fonte de conhecimento é fruto de compreensão da natureza. Não conseguem explicar como chegam a certas conclusões, por que a complexidade das questões muitas vezes ultrapassa o raciocínio lógico e a estrutura linear da linguagem.

A noção de interdependência é presente também quando é dito que há relação direta entre a saúde da terra, das plantas e das pessoas. Atribuem às plantas e à terra características humanas, como a felicidade, o sorriso, a gratidão. Tal postura pode significar uma imposição da humanidade para a natureza, ou a noção de igualdade onde seres humanos e natureza estão no mesmo patamar. A segunda alternativa é mais provável, já que em diversos momentos diziam que as plantas sofrem, sentem sede, e se deve ter pena delas, como se merecessem os mesmo cuidados que os humanos.

Uma idéia de saúde moral permeia a fala dos agricultores. Dizem que se sentiam mal ao morarem na cidade, ou usarem agrotóxicos, e explorar a terra. A opção pelo manejo alternativo os torna pessoas melhores, e mais felizes. Se sentem bem por pensarem estar vivendo da melhor maneira possível. A qualidade de vida, a realização pessoal, o bem estar, e a orientação ética fazem parte de uma idéia de saúde moral.

A atribuição do antropocentrismo à agricultura convencional moderna fica clara quando comparada à dominação da colonização espanhola. O extermínio de povos nativos pelos espanhóis é comparado ao uso de agrotóxico para exterminar “ervas - daninhas” e cultivar apenas as espécies interessantes para o agricultor.

O vitalismo é presente em todas as falas, já que todos afirmam que a terra, a água, ou o planeta Terra são seres vivos. Além desta noção de vida, geralmente justificada pela capacidade de mutação e movimento dinâmico gerador de outras formas de vida, cada elemento possui atributos qualitativos. Em relação à água foram mencionadas qualidades como alimento essencial, purificadora, renovadora; a terra é tida como chão, base material para a vida, reservatório de alimento, receptiva, mãe, generosa, geradora de vida; e o planeta Terra como lar de toda a vida.

De forma geral, pode se dizer que agricultores agroecológicos possuem orientação ética vitalista, homocêntrica, biocêntrica e holista. Não o são de maneira radical, principalmente pela ausência de uma cultura-raiz que tenha se desenvolvido em co-evolução com o ambiente em que vivem, mas são estas as orientações éticas que constituem no escopo de suas ações.

Através da compreensão das éticas ambientais podemos entender padrões na relação do homem com a natureza, inclusive aqueles onde esta dicotomia não é uma realidade. Os diversos autores aqui discutidos apresentam diferentes olhares sobre esta relação, e diferentes propostas para uma reorientação da relação sociedade-natureza.

Assim como as ações humanas geram uma orientação ética, esta fundamenta as ações humanas. O desenvolvimento da agricultura representa historicamente e do ponto de vista técnico, a ação de domínio do homem sobre a natureza. Ao mesmo tempo, a agricultura é atividade que conecta homem e natureza. Através de um equilíbrio entre posições racionais e um reaprendizado com a natureza, a agroecologia se desenvolve como uma nova forma de viver.

Os movimentos alternativos de agroecologia, permacultura, bioconstrução, tecnologias intuitivas, práticas holísticas orientais, surgem como forma reconstruir novas formas de interação com o meio, com soluções relacionadas à moradia, alimentação, técnicas, religião ou espiritualidade, lixo, representando, mais do que um retorno, uma nova ética ambiental que pode resultar na superação desta dicotomia homem-meio.

A noção de separação da humanidade em relação à natureza permeada por dualismos, reducionismos, materialismos, quantitativismos, produtivismos, universalismos, e tantas outras orientações intelectuais e práticas resultou numa crise que não é apenas uma crise ambiental, mas uma crise vital. Não há dúvidas de que para pensar em algum desenvolvimento sustentável é necessário reformularmos uma nova visão de mundo, e, definitivamente, uma reorientação da ética ambiental que permeia nossas ações.

---

<sup>1</sup> GEERTZ (1973):

“(…) Outra implicação é que a coerência não pode ser o principal teste de validade de uma descrição cultural. Os sistemas culturais têm que ter um grau mínimo de coerência, do contrário não os chamaríamos sistemas, e através da observação vemos que normalmente eles têm muito mais do que isso. Mas não há nada tão coerente como a ilusão de um paranóico ou a estória de um trapaceiro. A força de nossas interpretações não pode repousar, como acontece hoje em dia com tanta freqüência, na rigidez com que elas se mantêm ou na segurança com que são argumentadas. Creio que nada contribuiu mais para desacreditar a análise cultural do que a construção de representações impecáveis de ordem formal, em cuja existência verdadeira praticamente ninguém pode acreditar.”

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**CAPORAL, F.R.; COSTABEBER, J. A.** *Agroecologia. Enfoque Científico e Estratégico*. In: Agroecol.e Desenv.Rur.Sustent.,Porto Alegre, v.3, n.2, abr./jun.2002.

**CAPRA, Fritjof.** *Falando a linguagem da natureza: princípios da sustentabilidade*. In: BARLOW, Zenobia; STONE, Michael K. *Alfabetização Ecológica. A educação das crianças para um mundo sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2006.

**GEERTZ, Clifford.** *A interpretação das Culturas. O impacto do conceito de Homem sobre o conceito de Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

**HARRISON, Robert.** Chapter 1: *First the Forests*. In: *Forests: The Shadow of Civilization*. University of Chicago Press, 1992

**HARGROVE, E.** *Weak Anthropocentric Intrinsic Value*. In: LIGHT, A.; ROSTON III, H. *Environmental Ethics*. Oxford, Blackwell, 2006.

**HOEFLE, Scott W.** *Permacultura e Sustentabilidade Rural na Amazônia* In: BICALHO, Ana M. de Souza; HOEFLE, Scott W. (orgs.). *A Dimensão Regional e os Desafios à sustentabilidade Rural*. Rio de Janeiro: CAPES, 2003.

- 
- \_\_\_\_\_. *Enchanted (and Disenchanted) Amazônia: Environmental Ethics and Cultural Identity in Northern Brazil*. In: *Ethics, Place and Environment – A Journal of Philosophy and Geography*. Vol. 12, Nº 1, March 2009, 107-130.
- \_\_\_\_\_. *Ética Ambiental, Sistema Agrícola e Paisagem Cultural na Mata Atlântica no Sudeste Brasileiro*. Ateliê Geográfico, nº3, v. 8, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Mundivências Encantadas e Desencantadas no Sertão do Nordeste Brasileiro*. In: *Análise Social*, Vol. XXXII (140), 1997 (1º), 189-213.
- KATZ, E. *Nature's Presence: Reflections on Healing and Domination*. In: LIGHT, A.; SMITH, J. *Space, Place and Environmental Ethics*. London, Rowman & Littlefield Publishers, 1997.
- KATZ, Eric. *The Call of the Wind: The Struggle Against Domination and the Technological Fix*. *Environmental Ethics*. V. 14, nº3. 1992: 271.
- KING, R. *Critical Reflections on Biocentric Environmental Ethics: Is It an Alternative to Anthropocentrism?* In: LIGHT, A.; SMITH, J. *Space, Place and Environmental Ethics*. London, Rowman & Littlefield Publishers, 1997.
- LEFF, Enrique. *Epistemologia Ambiental*. São Paulo: Cortez, 2007.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Cap. 1: *Natureza e Cultura*. In: *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- LIGHT, A.; ROSTON III, H. *Introduction: Ethics and Environmental Ethics*. In: LIGHT, A.; ROSTON III, H. *Environmental Ethics*. Oxford, Blackwell, 2006.
- MERCHANT, Carolyn. *Radical Ecology. The Search for a Livable World*. New York: Routledge, 1992.
- PALMER, C. *An Overview on Environmental Ethics*. In: LIGHT, A.; ROSTON III, H. *Environmental Ethics*. Oxford, Blackwell, 2006.
- PENA-VEGA, Alfredo. *O despertar ecológico. Edgar Morin e a ecologia complexa*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- PEPPER, David. *Modern Environmentalism. An Introduction*. London: Routledge, 1996.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Para Além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia dos saberes*. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Nº78. Outubro, 2007.
- SIMMONS, I. G. *Interpreting Nature. Cultural Constructions on the Environment*. New York: Routledge, 1993.